

TERAPIA OCUPACIONAL CONSTRUINDO POSSIBILIDADES PARA DIVERSÃO E SOCIALIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA FÍSICA EM PARQUES INFANTIS

Karina Félix de Vilhena Santoro¹, Cláudia Franco Monteiro²

¹Universidade do Vale do Paraíba/Terapia Ocupacional, Rua Batatais, 278, Bq.Eucaliptos, kasantoro@hotmail.com

² Universidade do Vale do Paraíba/Docente do curso de Terapia Ocupacional, Rua João Justo Pereira,120, Cond. Altos da Serra- Urbanova, isad09@bol.com.br

Resumo: Este trabalho propõe uma discussão sobre a importância dos parques infantis como um espaço que possibilita a socialização, inclusão e vivências lúdicas para as crianças com deficiência, junto às crianças ditas normais, tendo como referência o parque Santos Dumont, localizado no município de São José dos Campos, reforçando a importância da Terapia Ocupacional neste contexto. Os parques infantis surgiram na segunda metade do séc XIX, concedendo à criança os seus legítimos direitos à recreação, em que a criança aprende a explorar, a desenvolver e controlar as capacidades físicas e sociais. Para as crianças portadoras de deficiência física a atividade lúdica é praticamente inexistente, em virtude das barreiras físicas, sociais, pessoais e ambientais. Para que estas pessoas possam ter uma maior possibilidade em se tornarem independentes e autônomas em suas atividades de autocuidado, trabalho e lazer, a Terapia Ocupacional utiliza-se da Tecnologia Assistiva buscando a realização de adaptações para propiciar uma melhor qualidade de vida e a inclusão social das mesmas.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, brincar, crianças com deficiências físicas e parques infantis.

Área do conhecimento: Ciências da Saúde

Introdução:

O indivíduo portador de deficiência é um indivíduo que apresenta alguma forma de anormalidade ou diferenciação perante os demais, quer nas dimensões cognitivas, quanto nas afetivas e motoras. Ele, ao apresentar um corpo dotado de alguma anormalidade, vivência impossibilidade e incapacidades corporais, sociais e emocionais por ser privado das atividades cotidianas com autonomia.

Durante muito tempo, a deficiência foi abordada e tratada como sendo um problema do indivíduo e não como resultado da relação deste com o meio, sendo as pessoas marginalizadas e classificadas como inválidas, sem utilidades, e não pessoas que possuem direitos civis e sociais. (CANZIANI, 1998).

O desenvolvimento sensorial é normalmente aprendido através das sensações que envolvem o movimento. Ainda que o indivíduo não possa experimentar o movimento, a sua sensação permite o desenvolvimento de novas habilidades, possibilitando assim a descoberta e a aquisição de outras atividades motoras.

O cérebro é um órgão de respostas, não somente no setor motor, como também no sensorial, reagindo a temperaturas, tempo, ruídos, o ambiente e pessoas. Segundo Ayres, a Integração sensorial é um processo neurológico que organiza as sensações do corpo em relação ao meio ambiente, sendo importante para o desenvolvimento da criança, pois este resulta na capacidade de perceber, aprender e organizar estímulos corporais e ambientais (TEIXEIRA, 2003) e, o brincar permite com que a criança experimente o prazer de agir, experimente as sensações do mundo, se relacionando consigo mesma, com as pessoas que o cerca e com o ambiente em que se encontra.

O ato de brincar se torna uma simples fonte de estímulo ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança, sendo também uma forma de auto-expressão. Quando a criança brinca, ela pode ter oportunidades da socialização. (TAKATORI, 2003).

A criança, ao apresentar uma alteração orgânica, como no caso de uma lesão neurológica, poderá haver conseqüências não somente motoras e sensoriais, mas também no desenvolvimento emocionas e

das relações sociais das mesmas (LORENZINI, 2002). As limitações do movimento impedem com que estas crianças acessem o ambiente de maneira ativa e, portanto explora-lo, tendo dificuldade em se envolver nas atividades pelo seu prazer sensorio-motor. Um outro fator que pode ser tão ou até mais limitador do que o próprio distúrbio está diante os fatores ambientais, decorrentes a barreiras sociais, que ocorrem como resultado da imposição dos valores e crenças dos outros, impossibilitando suas interações sociais e às limitações físicas do ambiente, diminuindo o acesso destas crianças à recreação e lazer.(BLANCHE,2000).

A reabilitação e a prática da integração destas pessoas com deficiência também se objetivou pelo processo de adaptações específicas no espaço físico ou procedimento da atividade comum a fim de poderem estudar, trabalhar, ter lazer, enfim, conviver com pessoas sem deficiência, rompendo com isto as barreiras atitudinais e arquitetônicas presentes, ressaltando o direito de construir autonomia e independência para a participação ativa na comunidade, favorecendo com isto o desenvolvimento e o crescimento das mesmas. (CANZIANI,1998). Vinculados a isto, a prática de Terapia Ocupacional tem como objetivo possibilitar com que estas pessoas possam participar de seu grupo social a partir de suas habilidades e possibilidades. Sendo assim, a Tecnologia Assistiva é um recurso que pode auxiliar a criança na inclusão de espaços lúdicos entre outros, facilitando sua inserção e participação nas atividades. E

Desta forma, o presente trabalho promove uma discussão sobre os parques como um primordial espaço social e lúdico da criança, utilizando como modelo de análise o Parque Santos Dumont, localizado no município de São José dos Campos. Busca-se questionar sua acessibilidade para crianças portadoras de deficiências físicas e reforçar a importância da Terapia Ocupacional neste contexto.

Metodologia:

A metodologia foi baseada em uma revisão bibliográfica sobre a importância do brincar para deficientes físicos e entrevistas com dois arquitetos da prefeitura de São José dos Campos, referente ao lay-out do Parque Santos Dumont e a acessibilidade do mesmo para as crianças com

deficiências físicas. A partir de então foram feitas entrevistas com 15 responsáveis pais/cuidadores de crianças especiais baseadas no cotidiano lúdico das mesmas. O público alvo desta entrevista foi os usuários da Clínica de Práticas Supervisionadas da Universidade do Vale do Paraíba, participantes dos atendimentos de Terapia Ocupacional e Fisioterapia. E ainda, outra entrevista utilizando-se questionário a 15 pais de crianças com desenvolvimento normal que freqüentam o parque, para que se realize uma análise comparativa entre as 2 realidades lúdicas.

Resultados:

Resultados obtidos perante as entrevistas com pais de crianças especiais:

Devemos ressaltar que a maioria dos entrevistados era mães ou cuidadores de crianças cadeirantes, que não possuem controle de tronco e nem de cervical, com faixa etária de 04 a 11 anos.

O gráfico a seguir, mostra a freqüência destes pais em estarem levando seus filhos aos parques infantis. Acrescentando-se a esta informação, a dificuldade exposta pelos pais em estarem levando seus filhos para brincar é em relação ao tempo.

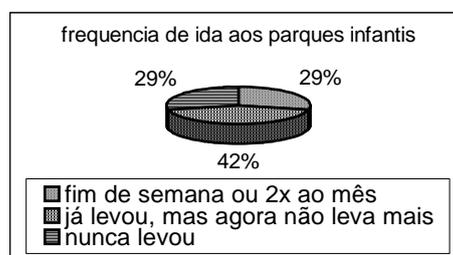


Gráfico 1- Freqüência que os pais de crianças com necessidade especiais levam seus filhos para brincar em parques infantis.

A seguir, os gráficos 2 e 3 ilustram a opinião dos pais em relação à segurança dos brinquedos para seus filhos e, a importância dos brinquedos adaptados para estas crianças.

Frequência de ida ao parque			
Fim de semana	2 x ao mês	Constantemente	1ª vez
7 pessoas	4 pessoas	2 pessoas	2 pessoas
Segurança dos brinquedos para as crianças com desenvolvimento normal			
Sim	Não	Depende	
5 pessoas	8 pessoas	2 pessoas	

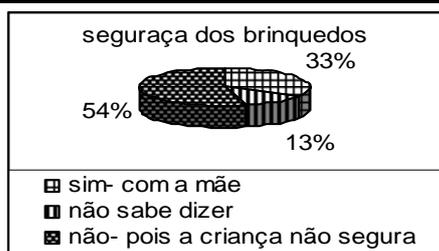


Gráfico 2: Segurança dos brinquedos dos parques infantis para crianças especiais.

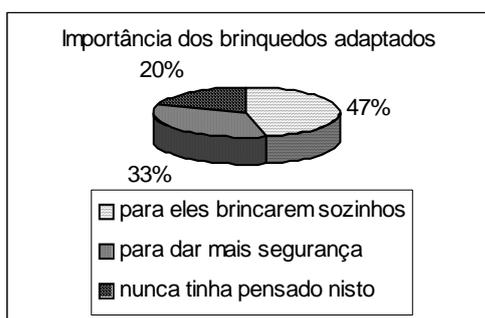


Gráfico 3- Importância dos brinquedos adaptados para a recreação de crianças com necessidades especiais em parques infantis.

Quanto à percepção destes pais em relação à mudança de comportamento de seus filhos ao passar perto de um parque e a reação dos mesmos ao brincarem nos brinquedos, podemos considerar que 60% destes percebem alguma mudança de comportamento de seus filhos e 40% não percebem nada, mas todos ao brincarem nos brinquedos ficam felizes, a não ser aqueles que nunca tiveram oportunidades de brincar, sendo estes 29% das 15 crianças.

Resultados frente a pesquisas realizadas a pais de crianças com desenvolvimento normal que freqüentam o Parque Santos Dumont.

Segurança dos brinquedos e adequação do parque para crianças com deficiência física.		
Sim	Não	Nunca pensaram nisto
2 pessoas	10 pessoas	3 pessoas

Dentre destas 15 pessoas entrevistadas, 2 eram portadoras de deficiência física.

A tabela a seguir mostra os resultados obtidos perante esta entrevista:

Discussão:

De acordo a entrevistas realizadas com os pais de crianças com deficiências físicas, observou-se que a maior dificuldade que eles encontram em estar levando seus filhos nos parques infantis, é em função do tempo, o que pensávamos que fosse por causa das dificuldades de acesso a estes locais e por não possuírem brinquedos adequados a estas crianças.

Levando em consideração a segurança dos brinquedos, podemos verificar que a maioria dos pais entrevistados acham que os brinquedos de modo geral não são seguros ou adequados tanto para as crianças ditas "normais", pois Um dos brinquedos mais apontados foi altura do final do escorregador, quanto para as crianças com deficiência física pois elas, decorrentes de suas limitações não seguram nos brinquedos, tendo a necessidade de possuir brinquedos adaptados nos parques infantis, para maior segurança. Àquelas mães de crianças com deficiências físicas que tem disponibilidade e condições físicas em estarem indo aos brinquedos com seus filhos, acharam que estes brinquedos são seguros, quando estão com elas e aquelas que nunca colocou seus filhos no brinquedo não obtiveram respostas quanto à sua reação e comportamento diante ao brincar. Houve mães que não souberam o que responder e também aquelas que pensaram em como as outras crianças iriam brincar se tivesse brinquedos adaptados e, ao ser dito que era para promover a inclusão, obtivemos respostas positivas.

Referindo-se a esta pergunta, uma

pessoa portadora de deficiência física relatou que o parque está adequado para as crianças deficientes, pois a mesma, ao sair de casa, ir ao parque e ver as outras crianças brincando, se sente à-vontade. Com isto, levanta-se a hipótese de que esta pessoa, em função de sua dificuldade, possa ter sido privada de brincar durante sua infância, pois se hoje o uso de dispositivos para portadores de incapacidades no Brasil ainda é bastante restrito, devido à falta de orientação aos clientes pelos profissionais de reabilitação e pela carência desses produtos no mercado, imagine a uns 30 anos que ainda nem se era reconhecida o termo adaptação terapêutica, sendo este definido em 1983 pela Associação de Terapia Ocupacional dos EUA como projeto para a reestruturação de um ambiente físico para auxiliar no desempenho de atividades do auto cuidado, trabalho e lazer.

A opinião dos pais de crianças com deficiências físicas em relação à importância da recreação para seus filhos, refere-se ao desenvolvimento dos mesmos, em seus aspectos físicos, mentais e sociais, pois a maioria destes relatam que quando a criança tem uma vida mais sociável, e está se sentindo feliz, brincando, o cérebro poderá ser mais ativo, desenvolvendo-se mentalmente. Isto, complementando também as opiniões de pais de crianças com desenvolvimento normal referentes ao convívio social das portadoras de deficiência para seu maior desenvolvimento e para que seus filhos não cresçam com discriminação, aprendendo também que todos são iguais, mas que alguns possuem mais dificuldades que outros, não ficando "abobado" ao vê-las, tendo uma maior experiência de vida.

Diante disto, Afauvre (1987) afirma que toda deficiência representa uma barreira: a criança e o objeto que ela deve manipular, as pessoas com quem tem de lidar, o mundo a descobrir e a imagem que vai construir de si mesma neste confronto ativo. Assim, adaptações podem proporcionar a essas crianças a diminuição, ou até mesmo o fim, dessas barreiras que as impedem de se desenvolverem.

De acordo com as entrevistas realizadas aos arquitetos da prefeitura do município de São José dos Campos, tornam-se importante ressaltar que existe iniciativa da prefeitura em relação a acessibilidade e diversão destas crianças no parque Santos Domont, mas existem

poucas empresas que oferecem estes brinquedos, e, as que oferecem, muitas vezes não condizem com a necessidade dos parques em função dos obstáculos encontrados, como areia, buracos e pedras, limitando o acesso aos cadeirantes.

Para a criança deficiente, a importância das brincadeiras ao ar livre é ainda maior, pois além de ser um modo de lazer é também uma forma de reabilitação, pois contribui para o desenvolvimento emocional, trazendo um equilíbrio entre tensão e satisfação.

Conclusões:

Diante a realização deste trabalho, observa-se a necessidade de oferecer brinquedos adaptados para crianças com deficiências físicas em parques infantis, ou realizar adaptações dos próprios brinquedos já existentes nos parques, contribuindo para a socialização, diversão e recuperação tanto física quanto mental das mesmas. Para que isto ocorra é necessária a presença de vários profissionais, dentre eles, o Terapeuta Ocupacional para ajudar tanto no desenvolvimento dos mesmos, tendo como recurso a Tecnologia Assistiva, quanto na relação da criança deficiente com os brinquedos e com o meio em que se encontram.

Referências:

- AUFAUVRE, M.R.; Aprender a brincar, aprender a viver- jogos e brinquedos para crianças deficientes: opção pedagógica e terapêutica; SP. 1987.
- BLANCHE, E.I; Fazer Junto- não fazer para: A recreação e as crianças portadoras de Paralisia Cerebral in- A Recreação na Terapia Ocupacional Pediátrica; Cap.13, 2000.
- CANZIANI, M.L- O atendimento, no município à pessoa portadora de deficiência- Comunicações: I ciclo de debates multiprofissionais sobre a inclusão da pessoa com deficiência in- Temas sobre desenvolvimento, V 9, n49;2000.
- LORENZINI, V.M; Brincando a brincadeira com a criança deficiente, novos rumos terapêuticos, 2002; p.3-30.
- TEIXEIRA, H.S.A- Proposta conceitual de um equipamento para estimulação vestibular. Dissertação de mestrado; 2003.
- TAKATORI, M; BOMTEMPO,E; BENETTON M.J - O brincar e a criança

com deficiência física:A construção inicial de uma história em Terapia Ocupacional; Caderno de Terapia Ocupacional, UFSCAR, V.9,n2;2001.